

Editorial

Marianne Lacomblez

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto
Rua Dr. Manuel Pereira da Silva
4200-392 Porto, Portugal
lacomb@fpce.up.pt

Com este número, passamos para o quinto ano de existência da revista. E experienciámos quanto as “temporalidades” do crescimento de Laboreal variaram bastante: desde o ritmo acelerado das fases de concepção do projecto, passando pelo ritmo denso da construção de cada número, até o ritmo descontínuo dos diversos processos de acreditação e de registo – que já se concluíram em parte com a referência no DOAJ (Directory of open access journals: <http://www.doaj.org/>) e na Fonte Académica da EBSCO (<http://www.ebscohost.com/thisTopic.php?marketID=1&topicID=1319>).

Contabilizamos hoje 100.000 actos de consulta de Laboreal, o que, em si, revela quanto o projecto da revista fez sentido, nomeadamente como suporte de comunicação entre equipas de investigadores que nem sempre têm oportunidades de se encontrarem – não só pelos condicionalismos das distâncias geográficas, mas também pelos efeitos de uma divisão do trabalho científico que, tantas vezes, nos ultrapassam.

Porém, a distância também se cria com o decorrer do tempo. Nas nossas disciplinas, é patente o risco de alguns autores ficarem no esquecimento, embora se trate de estudos e reflexões cujo contributo foi decisivo – e continua a sê-lo. Decidimos, por isso, criar uma nova rubrica para Laboreal: a de “Textos Históricos”, que será sempre publicada nas duas línguas da revista. Na verdade, o projecto emergiu do trabalho desencadeado por um grupo de investigadores do Centre de Recherche sur le Travail et le Développement (CRTD, Paris) – grupo esse decidido a não abandonar ao esquecimento textos e obras que merecem melhor destaque. Assumimos a responsabilidade desta nossa nova rubrica com esse mesmo espírito. Régis Ouvrier-Bonnaz concretiza este compromisso, abrindo a primeira edição da rubrica com a apresentação de um texto pouco conhecido de Jean Marie Faverge.

Mas a história também regressa ao nosso presente com o artigo que Jorge Garcia Lopez consagra à obra de Pierre Naville, esse psicólogo do período da segunda guerra mundial que deixou marcas fundamentais na sociologia do trabalho. Jorge Garcia Lopez demonstra então o quanto essas marcas e questões ainda hoje nos interpelam.

Mais usual para muitos dos leitores da revista, é a referência à

obra, também decisiva, de Lev Vygotski. Aqui, na rubrica Estudos de caso, Bernard Prot encaminha-nos para uma nova visita à teoria de Vygotski, à luz de trabalhos contemporâneos e a partir de materiais empíricos resultantes de estudos sobre a formação profissional e sobre a validação dos adquiridos pela experiência.

Quanto à rubrica das Pesquisas empíricas, apresentamos três textos provenientes dos dois lados do Atlântico: o de Christine Vidal-Gomel, Paul Olry e Youcef Rachedi, que dá acesso a um estudo, já ilustre, realizado sobre as evoluções da gestão dos riscos no fornecimento de betão nos estaleiros da construção civil e obras públicas; o de Fernanda Cockell, Daniel Perticari e Alessandra Cockell que, situando o seu objecto de pesquisa a montante do mesmo sector, realça o tipo de condicionalismos com os quais, na sua actividade de trabalho, uma equipa de arquitectas de uma empresa brasileira acaba por se confrontar; enfim, com Marcello Rezende, Jussara Brito e Milton Athayde, iremos abrir o que promete ser uma linha de pesquisas de importância crescente, iniciada com a apresentação deste estudo exploratório sobre as actividades de operação de telemarketing numa central de atendimento.

Nos Resumos de tese, encontramos, com Julie Duboscq, mais um exemplo da extrema complexidade do sector da construção e dos riscos com que se confronta quem aí trabalha. A temática foi já objecto de inúmeros estudos. Mas a abordagem procura ser aqui inovadora, apoiando-se, nomeadamente, nas obras de Vygotski e Henri Wallon para emitir a hipótese de que alguns instrumentos de análise definidos em situação de auto-confrontação cruzada, passam a constituir possibilidades de desenvolvimento de uma actividade prática mais segura.

Importa-se de repetir? A rubrica transporta-nos desta vez para os lados dos nossos colegas do Quebeque.

O artigo publicado por Luc Desnoyers na revista *Studies in Communication Sciences* a propósito dos usos e desusos nas apresentações em Powerpoint merece, sem dúvida, uma difusão susceptível de nos ajudar a melhor perceber que “senso comum” nos orienta quando preparamos as nossas apresentações públicas.

Não hesitamos também em editar o texto colectivo de Fabien Coutarel, Nicole Vézina, Diane Berthelette, Agnes Aublet-Cuvelier, Alexis Descatha, Karine Chassaing, Yves Roquelaure e Catherine Ha, já publicado na revista *Pistes*: trata-se de um balanço, hoje capital, em matéria de avaliação de intervenções para a prevenção de problemas músculo-esqueléticos.

Enfim, o nosso Dicionário prossegue o seu percurso – desta vez com as letras “O” e “P”:

“O” de “organização”, palavra que quisemos submeter ao espírito crítico de Pierre Rolle. O desafio não era cómodo. Mas a forma como o agarrou dá-nos um contributo que, como todos os textos de Pierre Rolle, garante, nas sucessivas leituras que cada leitor terá o cuidado de fazer, descobertas sempre renovadas dos seus fundamentos e sentidos.

“P” de “prevenção”, vocábulo que ultimamente invadiu o mundo dos profissionais da saúde ocupacional, sem por isso perder a sua complexidade. Norbert Sée aceitou sintetizar a abordagem que tem vindo a privilegiar nessa matéria.

A todos desejamos um boa leitura.

Pelo Comité Executivo da Revista,

Marianne Lacomblez